

# A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960)

The carioca sports press  
(decades of 1940-1960)

**ANDRÉ ALEXANDRE  
GUIMARÃES COUTO**

Historiador e Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Atualmente é Chefe do Departamento de Extensão e Assuntos Comunitários do CEFET-RJ  
[guimaraescouto@yahoo.com.br](mailto:guimaraescouto@yahoo.com.br)

---

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de realizar um panorama geral sobre a atuação da imprensa esportiva na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1960, tendo como base a análise dos jornais publicados no período. Em especial, destacamos o *Jornal dos Sports*, tendo em vista que fora criado em 1931 e atravessou o referido período como um diário especializado de relevância na cobertura dos eventos esportivos. Além disso, podemos perceber que o jornal construía discursos em torno de uma visão carioca de noticiar o esporte nacional, tendo como base algumas características específicas como a defesa do clubismo e a prática do denunciismo, dentre as possibilidades de sua função cotidiana. Neste aspecto, as crônicas tornaram-se protagonistas nesta ação interativa e formativa da opinião pública carioca. Todavia, apresentamos a cobertura da imprensa esportiva em outros jornais da cidade do Rio de Janeiro, procurando nos mesmos as suas principais características e identificação dos cronistas. Para tanto, levamos em conta o critério de índices de tiragem, escolhendo, desta forma, aqueles que tinham os maiores números.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa Esportiva; *Jornal dos Sports*; Crônicas Esportivas.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to give an overview of the performance of the sports press in the city of Rio de Janeiro between the 1940s and 1960s, based on the analysis of the newspapers published in the period. In particular, we highlight the *Jornal dos Sports*, since it was created in 1931 and went through that period as a specialized journal of relevance in the coverage of sporting events. In addition, we can see that the newspaper constructed discourses around a carioca vision of reporting the national sport, based on specific characteristics such as the defense of clubism and the practice of denunciation, among the possibilities of its daily function. In this regard, the chronicles have become protagonists in this interactive and formative action of public opinion in Rio. However, we present the coverage of the sports press in other newspapers in the city of Rio de Janeiro, looking for the main features and chroniclers. To do so, we consider the criterion of drawability indexes, choosing, in this way, those that had the largest numbers.

**KEYWORDS:** Sports Press; *Jornal dos Sports*; Sports Chronicles.

As primeiras décadas do século XX trouxeram para a imprensa uma oportunidade de ampliação de suas temáticas, de sua produção e de sua proliferação para todos os cantos da cidade do Rio de Janeiro. Cada vez mais as notícias dos bairros suburbanos poderiam ser visualizadas nas capas e matérias dos jornais. De acordo com Barbosa (2007, p. 58), na década de 1920, por exemplo, vários títulos surgiam na cidade, tendo como os seus principais fatores, “(...) o desenvolvimento urbano, as cisões políticas produzindo divisões mais profundas na sociedade, os aperfeiçoamentos tecnológicos e uma certa especialização dessa imprensa”.

A própria técnica de produção jornalística tornara-se uma ferramenta da modernidade na arte de apresentar o jornal ao público e esta passara a ganhar contornos mais sensíveis aos interesses dos leitores, ganhando nuances de uma técnica voltada para os assuntos mais imediatos e os sentimentos compartilhados na cidade. Tal formato cultural, se é que podemos chamar assim, caminhava ao lado das próprias modificações que sofriam a técnica literária<sup>1</sup>. Ou seja, apesar de não haver unanimidade, a técnica literária mudara a própria forma de redigir os textos, tanto na literatura como no jornalismo (COUTO, 2011, pp. 43-44).

Desta forma, o esporte passara a ganhar espaços significativos nos jornais do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades pelo país, não apenas porque as práticas esportivas espraiavam-se pelas diversas regiões da capital, que, por sua vez, aumentavam espacialmente ainda nas primeiras décadas do século XX, como os mesmos conseguiam capturar as identidades culturais, sensibilidades e emoções que a modernidade trazia no meio urbano. As décadas seguintes aperfeiçoariam as formas de publicizar as notícias vinculadas ao mundo cultural, policial (esta, por conta das emoções oriundas da violência e dos casos de amor que viravam tragédias, por exemplo) e, efetivamente, o esportivo.

Neste contexto, de ampliar a cobertura jornalística dos eventos esportivos e da prática organizada dos esportes, em especial o futebol, o Rio de Janeiro via nascer o *Jornal do Sports (JS)*, em 1931, por iniciativa de Argemiro Bulcão e Ozeás Mota<sup>2</sup>. Durante a década de 1930, o jornal proporcionaria a ampliação da cobertura esportiva com muita regularidade, tendo em vista que era um diário, uma grande novidade para este tipo de imprensa, e divulgaria as diversas práticas desportivas na cidade e no próprio estado do Rio de Janeiro.

Os demais jornais da cidade procuravam acompanhar o ritmo de produção das matérias do *JS*, mas, por razões óbvias e espaciais, não podiam publicar a quantidade de imagens, textos e entrevistas que este jornal

proporcionava aos seus leitores. Todavia, o campo esportivo ganhara espaços mais significativos nas páginas de quase todos os jornais. O esporte e a imprensa esportiva consolidaram-se ainda mais e os espaços nas páginas para o setor comercial eram mais frequentes, para que as empresas divulgassem seus produtos e serviços<sup>3</sup>.

Em um contexto de ditadura do período Vargas, desde a Revolução de 1930 com o arrefecimento do regime pós-golpe do Estado Novo, a pauta do jornalismo esportivo, em especial a do JS, era voltada para temas que pudessem enfatizar o caráter nacionalista e ufanista do fenômeno esportivo, inclusive para esportes para além do futebol<sup>4</sup>. De acordo com Luca (2008, p. 172), “(...) Diante da nova ordenação política, impressos periódicos foram obrigados a se registrar no DIP e as estimativas indicam que cerca de 30% não conseguiu obter a necessária autorização e deixou de circular”<sup>5</sup>.

Mesmo no âmbito da cobertura do campeonato carioca de futebol, evento que era um dos principais responsáveis pelas notícias publicadas nos jornais da cidade, era possível descortinar um discurso em prol da disciplinarização e do ordenamento do campo esportivo, seja por meio do respeito às regras do jogo, ao árbitro da partida ou ainda por meio da aversão aos atos de violência por vezes causados pelos atletas e ainda pela torcida. Os jornais, então, acompanhavam a modernidade esportiva com um tom de disciplinar o referido campo, seguindo as orientações que o próprio Estado projetava para a sociedade como um todo.

A partir da década de 1940, apesar do discurso ainda caminhar para esta tentativa de disciplinar de forma rígida o campo esportivo, o que não poderia ser diferente devido a continuidade do Governo Vargas até 1945, temos um elemento no periodismo impresso que alavancaria a forma de publicizar os eventos esportivos e suas respectivas idiossincrasias: a popularização da crônica esportiva. Neste caso, temos um movimento de ampliar a capacidade de compreender os sentimentos e emoções dos esportes por meio de uma nova onda de narrativa híbrida, que transitava entre a literatura e o jornalismo.

A popularização das crônicas esportivas a partir da década de 1940 e sua consolidação na década seguinte têm pelo menos duas questões para aprofundarmos: a primeira era de que a década inicial citada tem como destaque no âmbito das comunicações, a utilização de um veículo que viera para ficar: o rádio. Por meio dele, era possível acompanhar não apenas os esportes, ao vivo, e seus respectivos comentários, detalhando as ações dos atletas, das torcidas e do entorno ao jogo de futebol, por exemplo, mas toda uma

programação voltada para um conteúdo que ia do cenário político (mesmo que de adesão, pois devemos lembrar do DIP e da censura no Governo Vargas entre as décadas de 1930 e metade da de 1940) ao do entretenimento com as músicas e programas culturais que ganhavam bastante popularidade. De acordo com Bahia (1990, p. 169), “(...) O rádio dilata o alcance da informação e dá à palavra a potência que lhe faltava, ampliando, por outro lado, as responsabilidades do jornalismo. Sem demora, milhões de criaturas humanas são despertadas para o poder atual, direto e universal da radiodifusão (...)”. Desta forma, o rádio que iniciara suas atividades no Brasil ainda na década anterior, tornara-se um elemento importante na vida do carioca e do brasileiro, tendo o esporte como um dos fatores decisivos nesta relação entre veículo e indivíduo<sup>6</sup>. Segundo Klöckner (2008, p. 28), o rádio deixara de ser um reproduzidor das notícias dos jornais impressos e encarava o desafio de ser mais “instantâneo” e “ágil”. Era importante que o modo impresso de publicizar os esportes se adaptasse ao impacto emotivo e passional que o rádio trazia.

Portanto, chegamos ao segundo ponto acerca deste processo: os jornais impressos passaram a receber cada vez mais orientações sobre a redação das notícias, construindo, por vezes, manuais específicos para este fim. O jornalismo, então, recebia um curso em sua jornada: a ideia de modernização das técnicas redacionais deveria seguir o caminho da objetividade no discurso. Se isto prevalecia em grandes jornais do Rio de Janeiro, o cronismo esportivo ia na contramão de todo este processo pois era alimentado por outros interesses: o das relações subjetivas e emotivas que o esporte poderia oferecer.

Na década de 1950, de acordo com Barbosa (2007, p. 150), a modernização do jornalismo “(...) sedimentou uma série de mudanças que já vinham sendo implementadas desde a primeira década do século (...)”, caminhando no discurso de neutralidade do jornalista. E que, “O que se procura construir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão” (BARBOSA, 2007, p. 150). Como dissemos acima, o cronismo esportivo caminhava pela exploração do discurso subjetivo e da capacidade híbrida de sua forma e de sua narrativa<sup>7</sup>.

O JS e outros jornais cariocas, então, apresentavam o mundo esportivo de forma dupla, ao tratar os eventos e os debates de acordo com a chamada modernização da técnica jornalística (numa conjuntura dos anos 1940 e 1950 em consonância com políticas desenvolvimentistas de Estado), mas com elementos inter(subjetivos) das crônicas que liam a sociedade e a vida

esportiva com outros olhares por meio, sobretudo, de uma “verdade mediada” (COUTO, 2016, p. 21). Em ambos os casos, porém, a exploração das emoções, das sensações e dos sentimentos tornava o esporte mais presente nas atenções dos leitores, como podemos observar na análise das matérias e crônicas do *JS*.

Este periódico seria reconhecido não apenas pela cobertura dos grandes eventos esportivos como as Copas do Mundo e os Jogos Olímpicos, mas também pela valorização do futebol carioca, sempre procurando, nas crônicas esportivas, encontrar o espaço adequado para a criatividade textual dos diversos autores que perfilavam suas opiniões e comentários. Desta forma, autores como Manoel Vargas Netto, Antonio Olinto, José Lins do Rego, Geraldo Romualdo da Silva, Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”), Inah de Moraes e tantos outros aperfeiçoavam suas técnicas fronteiriças entre o jornalismo e a literatura, impondo seus estilos específicos e tramando encontros inter(subjetivos) entre eles e com os seus leitores (COUTO, 2016).

Em resumo, podemos perceber um grande investimento do *JS* em direção ao denunciismo e ao clubismo; sendo o primeiro a prática comum em alguns jornais na medida em que procuravam regular o campo esportivo por meio das denúncias contra o dirigismo político e esportivo. Em relação ao clubismo, identificamos não apenas o apoio incondicional do *JS* aos temas vinculados aos grandes clubes do Rio, retroalimentando a paixão clubística dos torcedores/leitores, mas também a adesão a um ordenamento e disciplinarização do campo esportivo ao compreender que o esporte deveria ser praticado sob a gerência dos clubes, associações, agremiações e federações, legítimos reguladores do campo.

Dentre nossas escolhas de análise, levamos em conta outros jornais impressos com maiores tiragens na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1950.<sup>8</sup> Podemos informar que dentre estes, temos o jornal *O Dia*, criado em 5 de junho de 1951, pelo jornalista Chagas Freitas com o objetivo de fortalecer os laços políticos com o paulista Adhemar de Barros do Partido Social Progressista (PSP).<sup>9</sup> No âmbito esportivo, o jornal fizera uma opção por não publicar crônicas esportivas de cunho personalista e subjetivo apesar de este discurso estar presente em outras áreas como a cultural ou do cotidiano urbano, sendo esta última responsável pela narrativa da vida diária do carioca, por exemplo.

Na cobertura esportiva, o turfe era amplamente divulgado assim como as notícias sobre o futebol, principalmente informações dos jogos, torneios e excursões dos clubes, inclusive de equipes que não eram do Rio

de Janeiro, em especial de São Paulo. Obviamente que a relação estreita do ponto de vista pessoal e político entre Chagas Freitas e Ademar de Barros deixava a rivalidade no futebol entre cariocas e paulistas em segundo plano<sup>10</sup>. Cabe destacar também que as primeiras edições do jornal tinham apenas oito páginas, sendo duas delas dedicadas aos esportes, uma em especial ao turfe e outra ao futebol, tendo nesta última, por vezes, notícias sobre os demais esportes, como o basquetebol, por exemplo.

Das crônicas esportivas mais importantes, que surgem no jornal em meados da década de 1950, podemos destacar duas dedicadas ao turfe chamadas “Rondó dos Cavalões”, assinada por Inah de Moraes e outra denominada “Bucéfalo”, por Faixa. Havia outra voltada para o futebol chamada de “Pênalti!”, de Joel Lopes<sup>11</sup>. Esta última mudaria de nome, mas não de proposta narrativa. A partir de 1957 passaria a se chamar: “Preto no Branco”. De acordo com as orientações da linha editorial do jornal, as crônicas esportivas tinham como principal objetivo a relação entre o denunciamento e a valorização das associações vinculadas à imprensa<sup>12</sup>. Em suma, *O Dia* apresentava-se como um veículo que se colocava em defesa do cidadão e leitor.

Outro grande jornal do período era o *Correio da Manhã*, criado por Edmundo Bittencourt e Paulo Bittencourt no início do século XX (1901)<sup>13</sup>. Os esportes eram discutidos em uma segunda parte do jornal, chamada de segundo caderno, que tinha, em média, três páginas, sendo a segunda dividida com informações econômicas como o câmbio e dados sobre a bolsa de valores. O turfe e o futebol eram as práticas esportivas mais comentadas. Na década de 1950, a coluna “Mosaico”, que não era assinada, apresentava de forma bem objetiva (uma orientação da grande imprensa para este período) comentários sobre os páreos e os animais do turfe. A partir do ano de 1952, uma coluna se destacaria na seção esportiva: “Notas e comentários”, assinada por Walter Mesquita, que era o editor de esportes do jornal<sup>14</sup>. A crônica desta coluna tinha um tom de defesa do futebol carioca e de ataque aos desmandos dos dirigentes, compreendendo que este esporte era muito mais importante para quem o assistia devido ao seu valor no interesse da população<sup>15</sup>.

Podemos identificar a crônica como um importante exemplo da capacidade interventora do *Correio da Manhã*, mas também de outros jornais não só na defesa dos interesses dos esportes e dos torcedores como também na criação de elementos significativos desta cultura esportiva. Walter Mesquita, por exemplo, um cronista quase isolado no cenário esportivo do jornal, mesmo porque era o próprio editor desta seção, assumia a autoria de grandes iniciativas, como a campanha de publicidade em torno da mudança

da cor e *design* da camisa da seleção brasileira de futebol em 1953<sup>16</sup>. Todavia, as marcas e características do cronismo esportivo estavam por ali, na simplicidade do discurso, mesmo por vezes tratando de questões complexas, as referências ao urbanismo e à geografia da cidade, a narrativa em tom de conversa informal, a criação de expressões para re(nomear) os personagens envolvidos nas histórias, a exaltação de uma memória representativa do “real” significado do futebol, dentre outras possibilidades de atuação.

Outro jornal significativo do período era o *Última Hora*, fundado por Samuel Wainer, em 12 de junho de 1951, com forte inspiração do Governo Vargas, sendo considerado inclusive “porta-voz” do presidente devido ao apelo trabalhista e governista do periódico<sup>17</sup>. A cobertura esportiva, apresentada geralmente entre as páginas 8 e 10 (sendo esta última dedicada ao turfe) e chamada de “*Última Hora nos Esportes*” privilegiava o futebol quase por completo. Era muito raro uma notícia que trazia um fato relacionado a outra modalidade esportiva, mesmo o basquetebol que já chamava a atenção de parte da sociedade carioca. O futebol por ser muito popular nesta década já era tema suficiente para este jornal debater em suas páginas esportivas. Uma análise de capas deste periódico nas edições de segunda-feira permite com que possamos retirar a seguinte conclusão: o futebol era um dos elementos mais importantes para as manchetes, principalmente por dar conta dos resultados do final de semana anterior.

Outro importante fator desta cobertura jornalística esportiva era a quantidade de fotografias, criando um espectro visual ampliado dos detalhes do jogo e dos jogadores, antes, durante e depois das partidas. Texto e imagem eram elementos de lidar com o esporte sem, no entanto, trazer características lúdicas para esta linha editorial. Ou seja, apesar de manter colunistas na área política, urbana e cultural e ainda trazer para dentro de suas páginas escritores reconhecidos pela Academia Brasileira de Letras (ABL) e pelo grande público — é o caso, por exemplo, de Nelson Rodrigues — não havia um espaço específico para o cronismo esportivo, seja por opção do próprio Samuel Wainer, seja por não conseguir um autor que pudesse significar um aumento nas vendas do jornal, por conta do processo de fidelização envolvida na relação entre autor e leitor.

A exceção a esta regra supracitada seria a conformação de crônicas voltadas para a cobertura do turfe, como é o caso de “O Turfe Tem Dessas Coisas” e “Na Reta Final” por Wilson do Nascimento<sup>18</sup>. Para o futebol, nenhuma coluna se destacava, apesar de várias matérias serem assinadas pelos jornalistas esportivos. Nomes como Giampaoli Pereira, Carlos Renato, Luiz



Reis, Geraldo Escobar e Albert Laurence comentavam as partidas e as atuações dos jogadores, rodada após rodada. Cabe destacar que vários destes profissionais também atuavam em outros jornais como o *JS*, demonstrando uma circularidade entre as empresas e veículos de comunicação, ao menos no esporte. Todavia, a ideia de objetividade e modernidade trazida por este jornal não permitia espaços na seção esportiva para a criação de textos mais subjetivos e comprometidos com o hibridismo entre a ficção e o jornalismo. O interessante é perceber que o cronismo em outras seções, como a área cultural e mesmo a política, tinha mais autonomia em relação à linha editorial, mas ainda assim seguia um padrão de objetividade que, pretensamente, se destacava na grande imprensa carioca.

Por fim, destacamos *O Globo*, fundado em 19 de julho de 1925 por Irineu Marinho e que possuía uma linha mais conservadora e sóbria em relação aos jornais mais populares como *Última Hora* e *O Dia*. Era um jornal de clara influência do liberalismo norte-americano e crítico aos governos de Dutra, Vargas e Juscelino Kubitschek, por exemplo.

Na área esportiva, podemos destacar uma tentativa de cobertura multimodalidades, ou seja, tentando criar uma visão geral dos esportes, apesar do futebol se sobressair, como era de costume nos demais periódicos. Todavia, o que nos chama a atenção é a ausência de um espaço destinado para as crônicas na seção dos esportes<sup>19</sup>.

Pode parecer estranho que um cronista famoso como Mário Filho não tivesse um espaço destinado para seus textos híbridos, discorrendo sua visão do mundo esportivo entre o jornalismo e a criatividade literária. Todavia, este espaço estava presente no suplemento/revista semanário chamado de *O Globo Sportivo*. Enquanto nas páginas regulares o esporte era apresentado de forma objetiva e dentro das perspectivas de publicação de textos jornalísticos da década, a revista abria espaços para uma postura diferenciada seja do ponto de vista da disposição gráfica e visual, com um panorama moderno no modelo das revistas de variedades que se apresentavam no mercado internacional e brasileiro, seja das possibilidades de viagens literárias. Ou seja, a revista, que surgira no final da década de 1930 (mais precisamente em 1938), e que era dirigida por Mário Filho e Roberto Marinho (o proprietário dos empreendimentos vinculados a *O Globo*) tornava-se o palco ideal para o debate jornalístico e lírico em torno dos esportes.

Distribuído por cerca de 16 a 28 páginas e com muitas imagens, sejam as fotografias, sejam os desenhos dos atletas (especialmente o futebol), *O Globo Sportivo* mostrava o resumo da semana esportiva e apresentava textos

ágeis e rápidos. Era a fórmula ideal encontrada pelo fotojornalismo: imagens e textos dinâmicos e resumidos<sup>20</sup>.

Também era comum as charges com pequenos textos como legendas dos desenhos. A presença destes era tão importante que na seção “Bilhetes do Leitor” (assinada pelo repórter Carlos Arêas), os próprios leitores da revista enviavam breves informações, juntamente com desenhos dos atletas de futebol. Em relação ao cronismo esportivo, a principal coluna era assinada por Mário Filho e se chamava “Da Primeira Fila”. Geralmente era apresentada na página 3, com o estilo de um editorial, e muito semelhante ao formato de “Críticas e Sugestões”, que também era assinado por ele no *JS*. Posteriormente, a partir dos seus últimos anos, de 1951 a 1952, a revista se tornava menos personalista e a coluna dava lugar a outra: “Bola na rede”, sem necessariamente a assinatura de Mário Filho. A partir de 1951, temos também a publicação de outras crônicas que também eram apresentadas ao leitor com a participação de escritores como Antonio Olinto e Thomaz Mazzoni. Nos parece que, a partir da análise do período total de *O Globo Sportivo*, ou seja, de 1938 a 1952, Mário Filho, no início da década de 1950, perdia prestígio em *O Globo*, apesar da amizade com Roberto Marinho. Tal fato ocorreu por dois motivos principais: a compra de ações do *JS*, que ele mesmo tinha fundado, tornando-se sócio majoritário (o que desagradou Roberto Marinho) e uma disputa interna com Ricardo Serran dentro das redações de *O Globo Sportivo*.

Como percebemos, os jornais deste período tinham suas similaridades e diferenças no tratamento das páginas esportivas assim como nos espaços destinados à produção e divulgação das crônicas sobre os esportes. Muitos destes autores encontravam espaços em mais de um periódico e estavam de alguma forma vinculados a círculos pessoais e profissionais de relações sociais, além da proximidade com o mundo da literatura e da cultura de forma geral. O *JS*, então, se destacaria por aglutinar em sua empreitada um número significativo de jornalistas esportivos e cronistas com atuação literária, aumentando o sucesso editorial de uma receita que dava certo desde, pelo menos, há década anterior. A partir de uma conjuntura de avanço modernizador da técnica jornalística, o cronismo esportivo mediava a relação com os leitores por meio de outra lógica de percepção da cidade: a que trazia um olhar mais subjetivo, criativo e apaixonado.

## Notas

1 De acordo com Flora Sussekind (1987, p. 16), “Não se trata mais de investigar apenas como a literatura representa a técnica, mas como, apropriando-se de procedimentos característicos à fotografia, ao cinema, ao cartaz, transforma-se a própria técnica literária. Transformação em sintonia com mudanças significativas nas formas de percepção e na sensibilidade dos habitantes das grandes cidades brasileiras então”.

2 Argemiro Bulcão era administrador de jornais no final dos anos 1920 e já tentara fundar um periódico esportivo chamado Rio Sportivo, que era vendido duas vezes por semana. Ozeás Mota, sócio de Argemiro, era dono de oficinas gráficas que atendia a jornais da cidade do Rio de Janeiro (COUTO, 2011, p. 12).

3 Apesar de a propaganda estar presente nos jornais desde o século XIX, os jornais passaram a depender menos dos favores econômicos e financeiros do Estado e mais das empresas que cresciam e tentavam vender seus produtos e serviços nas páginas dos jornais, inclusive esportivos.

4 Um dos exemplos desta forma de publicar notícias ufanistas e nacionalistas pode ser vista na cobertura do Campeonato Sulamericano de Remo, ocorrido no Uruguai, em 1931. Os brasileiros no Campeonato Sul Americano de Remo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 06, 22 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões, p. 2.

5 O DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda — era um órgão criado pelo Governo Vargas (1930-1945) com o objetivo de realizar censuras e promover a propaganda oficial e personalista de Getúlio Vargas.

6 Para uma análise mais detalhada das empresas de rádio e sua atuação na década de 1930, ainda que limitado ao estado de São Paulo, ver o trabalho de SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar** — O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

7 Estudos específicos sobre as crônicas esportivas, suas funcionalidades e características podem ser examinadas em CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica**

Esportiva Brasileira do Século XX. Tese de Doutorado, 374 p. Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2007. E também em: COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Tese de Doutorado, 347 p. Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2007.

8 Para chegar às escolhas dos jornais pesquisados neste artigo, levei em conta o Anuário Brasileiro de Imprensa (1950-1957), o Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão (1958-1960) e as informações retiradas do trabalho de RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

9 Chagas Freitas se elegeu como deputado federal pelo Rio de Janeiro com uma grande quantidade de votos, em 1954, superando o insucesso que obtivera em 1950.

10 Um bom exemplo disso é o destaque dado à conquista do Palmeiras no torneio internacional conhecido como Copa Rio.

11 Inah de Moraes escrevia também para o *Jornal dos Sports*, sendo uma das raras mulheres que colaboravam com o cronismo esportivo carioca.

12 FAIXA. Procurados sem Procução. **O Dia**. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1955, p. 7. Coluna Bucéfalo. Neste trecho da crônica assinada por Faixa, o cronista reclama que pessoas de influência política e social do Jockey Club estariam recebendo prêmios e condecorações por parte da Associação dos Proprietários de Cavalos de Corrida em nome da imprensa esportiva. Porém, os mesmos não teriam o direito para tanto, pelo fato de não pertencerem a esta categoria profissional

13 Edmundo Bittencourt (1855-1943) era jornalista e advogado. Oriundo do Rio Grande do Sul, chegou a trabalhar por lá no jornal *A Reforma* e depois de seguir para São Paulo, se fixou no Rio de Janeiro, tendo trabalhado na área do Direito com Rui Barbosa e Sancho de Barros Pimentel. Com a ajuda do primeiro, fundou o *A Imprensa*, tornando-se secretário do jornal que entraria em falência em 1901. Com a

compra do material falido deste, fundou o *Correio da Manhã*. Paulo Bittencourt, filho de Edmundo, após a morte do seu pai, continuaria o projeto inicial de criar um jornal de embate político.

14 Só conseguimos descobrir o nome deste cronista ao pesquisar uma sequência de cronistas de 1952 a 1953, pois este autor assinava, até 1952, como “W.M.”.

15 Para exemplificar este estilo de crônica, ver: MESQUITA, Walter. Campeonato Pré-Fabricado. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1952. Coluna Notas e Comentários. Nesta crônica o autor apresenta para o leitor a confusão causada pela Federação de Futebol do Rio de Janeiro sobre a decisão do campeonato estadual e a contagem dos pontos. A disputa e as regras seriam debatidas entre os clubes, pois uns acreditavam que se tratava de contagem de pontos ganhos e outros de pontos perdidos (no caso, a menor quantidade de pontos perdidos).

16 O concurso fora vencido por Aldyr Garcia Schlee, gaúcho que trabalhara nos jornais *Diário Popular*, *Jornal da Tarde* e *A Opinião Pública* (todos do Rio Grande do Sul). Com o concurso, fora trabalhar no *Correio da Manhã* e ainda atuou em *O Globo* e *Diário Carioca*. Informações retiradas de: OLIVEIRA, Jéssica. **Aldyr Schlee recorda criação do uniforme canarinho, desenhado por ele em 1953. Data de publicação: 31/05/2014. Disponível em: [http://www.portalimprensa.com.br/especialcopa/curiosidades\\_20140531\\_01.asp](http://www.portalimprensa.com.br/especialcopa/curiosidades_20140531_01.asp). Acesso em: 25/06/2015.**

17 Samuel Wainer (1910-1980), nascido na Bessarábia (território hoje dividido entre a Moldávia e a Ucrânia) veio para o Brasil aos dois anos de idade e dentro dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand assumira as funções de secretário de redação, redator, colunista, editor, mas considerava-se mesmo como um repórter. Ver: WAINER, Samuel. Jornalistas contam a História. Depoimento a Wianey Pinheiro. **Folha de S. Paulo**. Apud BARBOSA, 2007, p. 170.

18 Wilson do Nascimento, também conhecido por seus colegas de redação

como “Mosquito Elétrico” devido à sua capacidade de estar em constante movimento. De acordo com as memórias do jornalista Paulo Gama, “Durante o seu período na redação do jornal, ele fez o concurso de palpites entre os jogadores e treinadores. Promoveu o troféu “O Homem do Turfe”, que todo ano homenageava o melhor dirigente do esporte da temporada, geralmente um criador ou proprietário. Wilson foi responsável também pela edição de um tabloide semanal de oito páginas exclusivamente com entrevistas e matérias sobre turfe. O tabloide era distribuído às sextas-feiras, junto com o jornal *Última Hora*, nas bancas de jornal. Informação retirada de: GAMA, Paulo. **Que saude dos tempos do Mosquito Elétrico**. Disponível em: [http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod\\_cont=59687&&cod\\_secao=3&&mes=03&&ano=2015](http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod_cont=59687&&cod_secao=3&&mes=03&&ano=2015). Acesso em: 25/06/2015.

19 Para não dizer que existia uma exceção, podemos citar a coluna “O Pangaré (‘Órgão das aspirações cavaleares’)”, assinada por Haroldo Barbosa (1915-1979) e que tratava do turfe. Cabem aqui duas observações: a primeira é que esta coluna era copiada por outros jornais como *O Dia*, por exemplo. A segunda é que o cronista em questão era comediante, compositor e escritor de peças e roteiros de programas humorísticos em rádios e emissoras de televisão. Informações retiradas de: HAROLDO BARBOSA. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**.

Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/haroldo-barbosa/biografia>. Acesso em: 30/06/2015. Ou seja, música, literatura, teatro e esportes se misturavam em algumas colunas. Não por acaso, em muitos jornais, o espaço destinado à cultura de forma geral era dividido ou próximo das páginas esportivas.

20 Dos jornalistas que assinavam estes textos, podemos destacar Carlos Arêas, Vasco Rocha, Albert Laurence, Jorge Leal, Mário Júlio Rodrigues (este, irmão mais novo de Mário Filho), Carlos Belmonte, Ricardo Serran (este era um dos importantes nomes da redação de *O Globo*), Álvaro de Melo e Silva e José Luiz Pinto.

### Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. V. 2. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas**: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. Tese de Doutorado, 374 p. Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2007.

COUTO, André Alexandre Guimarães.

**A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). Dissertação de Mestrado, 202 p. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cronistas Esportivos em Campo**: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Tese de Doutorado, 347 p. Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2016.

GAMA, Paulo. **Que saudade dos tempos do Mosquito Elétrico**. Disponível em: [http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod\\_cont=59687&&cod\\_secao=3&&mes=03&&ano=2015](http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod_cont=59687&&cod_secao=3&&mes=03&&ano=2015). Acesso em: 25/06/2015.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso**: a Síntese Radiofônica Mundial que fez História. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina

de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 149-175.

OLIVEIRA, Jéssica. **Aldyr Schlee recorda criação do uniforme canarinho, desenhado por ele em 1953**.

31/05/2014. Disponível em: [http://www.portalimprensa.com.br/especialcopa/curiosidades\\_20140531\\_01.asp](http://www.portalimprensa.com.br/especialcopa/curiosidades_20140531_01.asp). Acesso em: 25/06/2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar** — O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

SUSSEKIND, Flora. **O Cinematógrafo das Letras** — Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

### Fontes primárias

**Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1931-1958.

**O Dia**. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1951-1958.

**O Globo**. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1930-1958.

**Última Hora**. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1951-1958.

**Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1930-1958.

Recebido em 12/07/2017

Aprovado em 30/09/2017